

Bibliotecando
em **Tomar**

06-07 maio 2018

Biblioteca Municipal de Tomar





Bibliotecando em Tomar

06-07 maio 2018 . Biblioteca Municipal de Tomar

Programa

6 de maio (Sexta-feira)

09h 00

Acolhimento - Entrega de documentação

09h 30

Sessão solene de abertura

10h 00

1. Painel: Os outros e Nós | Anabela Freitas

- Guilherme d'Oliveira Martins, *Leitura e aprendizagem – um Mundo de Pessoas*
- Henrique Leitão, *A natureza como ponto de encontro?: tradições científicas, nossas e outras*

Debate

Pausa social e café

2. Painel: E agora Europa? | José Manuel Alho

- Pacheco Pereira
- Fernando Rosas, *A Europa em Crise de Paradigma*
- Pedro Roseta, *Potencialidades do Conselho da Europa na situação actual*

Debate

Almoço livre

15h 00

3. Painel: Fé e liberdade de consciência | Miguel Real

- Joshua Ruah, *Os Outros e Nós*
- Abdool Magid Vakil, *O Islão, uma religião Abraâmica*
- Faranaz Keshavjee, *O xiismo apolítico. Que desafios para o islão no domingo da fé e da consciência social?*
- Tolentino Mendonça, *A fé amplia a liberdade*
- Aurélio Lopes, *O absoluto como desígnio existencial - Soteriologias e vivências em projetos de missão*

Debate

4. Painel: Os Outros (ausentes) e Nós | Fernanda Henriques

- António Matias Coelho, *Os mortos e nós*
- Marco Daniel Duarte, *A cidade dos mortos: representação da vida além e aquém-túmulo*
- Padre Sérgio Santos, *O mistério da vida e da morte*

Debate

7 de maio (Sábado)

09h 15

5. Painel: Choque de culturas do Norte e do Sul? |

Fernando do Carmo

- Maria José Vitorino, *Dez proposições e cinco minutos de silêncio*
- Luísa Costa Gomes, *Choque de Culturas e Intertextualidade: O meu bisavô Sanches e o António Nobre*
- José Manuel Alho, *Norte/Sul: o percurso de Estocolmo a Paris*

Debate

Pausa social e café

6. Painel: Da mesmidade à alteridade | Fernanda Moucho

- António Tavares, *Identidade/Mesmidade/Alteridade*
- Ana Marques Gastão, *«Além-Eu»*
- Miguel Real, *O canibalismo cultural Português*

Debate

Almoço: Congresso da Sopa (Parque do Mouchão - Tomar)

15h 00

7. Painel: Ética da diversidade | Joaquim Santos

- Isabel Ventura, *O que é [um] ser humano? Género, interseccionalidade e neutralidade na era da Igualdade.*
- José Manuel Sobral, *Nós e os Outros – identidades, preconceitos e cidadania*
- Teresa Calçada, *A leitura como condição ética de ser*

Debate

8. Painel: Os Outros e Nós - Um Diálogo

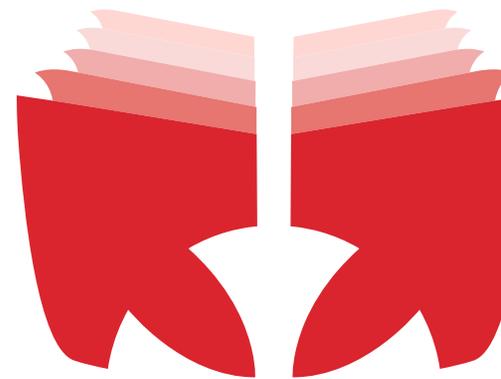
- José Augusto França
- Eduardo Lourenço
- Guilherme d'Oliveira Martins

Sessão de encerramento



Bibliotecando em Tomar

06-07 maio 2018 . Biblioteca Municipal de Tomar



Abdool Magid Vakil

Nascido em Moçambique (então Lourenço Marques) em 26 de Maio de 1939

Fez os seus estudos primários e secundários em Moçambique e, em Outubro de 1956, seguiu para Lisboa para, depois de passar pelo Instituto Comercial de Lisboa, ingressar no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras (ISCEF) onde concluiu a sua Licenciatura no Curso Superior de Finanças, em 1964, tendo sido convidado para ser Assistente da Cadeira de Matemáticas Gerais, o que fez em três anos lectivos, 1965/1968.

Regressado a Moçambique em finais de 1968 para gerir os negócios da sua família, acabando por enveredar no sector bancário ingressando nos quadros do então Banco Nacional Ultramarino. Em 1972 foi nomeado Secretário Provincial de Planeamento e Finanças no Governo de Moçambique e, posteriormente, Consultor do Ministro da Coordenação Económica durante o Governo de Transição que antecedeu a independência daquela Colónia portuguesa, em Junho de 1975.

Regressado a Portugal, em 1975, teve várias funções como Membro de Conselhos de Administração de algumas empresas públicas, incluindo num banco do sector público. Ingressou nos quadros do Banco de Portugal onde criou um novo departamento para coordenação de todos os financiamentos externos a Portugal contratados pelos sectores público e privado. Foi simultaneamente requisitado para desempenhar as funções de Consultor do Ministro das Finanças e responsável pela negociação de todos os empréstimos externos contraídos pela República durante o período crítico de 1977-1979 tendo concretizado os primeiros empréstimos da República no Euromercado.

Em finais de 1979, foi para Londres, para ingressar num banco americano, onde foi membro do Conselho de Administração até 1982. Em Março de 1982, aceitou o cargo de Director do então Banco Nacional Ultramarino, com funções que exerceu no Escritório de Representação desse banco, em Londres. Em 1984, ainda em Londres, criou, em parceria com investidores da área do Golfo, uma instituição que através de um escritório nessa cidade, esteve envolvida com grande

sucesso na obtenção de importantes financiamentos no mercado internacional, nomeadamente para diversas empresas públicas nacionais, incluindo a própria República, num montante agregado equivalente a aproximadamente USD 5 mil milhões, entre 1984 e 1988. Adicionalmente, de 1985 a 1987, foi Consultor do Governo de Moçambique em negociações relativas à reestruturação da dívida internacional daquele país, em sede do chamado "London Club" tendo, mais tarde, em 1990, já em Lisboa, voltado a ser Consultor do Governo de Moçambique para um caso específico de negociações com a Boeing para a aquisição de um avião já a operar na frota da LAM (Linhas Aéreas de Moçambique).

Regressado novamente a Portugal, em 1988 criou, em parceria com várias instituições financeiras de renome internacional, uma instituição financeira que, mais tarde, passou a ser um banco que desempenhou funções de grande relevo na montagem de financiamentos relevantes para a economia nacional.

Na esfera cívica e religiosa, tem vindo a desempenhar as funções de Presidente da Comunidade Islâmica de Lisboa e do Forum Abraâmico de Portugal tendo sido um dos fundadores de ambas, respectivamente em 1968 e em 2007.

Tem-se dedicado activamente em Diálogos Inter-Religiosos chamando para o efeito representantes das diversas religiões, Abraâmicas e outras, nomeadamente, Cristãs de diferentes denominações e também Budista, Hindu, Sikh e Bahai. Também tem tido a preocupação de juntar alguns concidadãos agnósticos e ateus para debater determinados importantes.

Tem trabalhado activamente na integração dos muçulmanos na sociedade portuguesa e também no esclarecimento dos concidadãos portugueses em geral sobre a verdadeira essência do Islão através da realização de diversas iniciativas que contaram com a participação de conhecidos especialistas portugueses e estrangeiros sobre a religião Muçulmana.



Bibliotecando em Tomar

06-07 maio 2018 . Biblioteca Municipal de Tomar



Louvores e Condecorações:

- "Por ter prestado um elevado serviço ao país " foi lhe atribuído um louvor a 5 de Setembro de 1978, pelo Senhor Ministro das Finanças, então Dr Vitor Constâncio.

Foi condecorado com o Grau de Grande Oficial da Ordem do Infante Dom Henrique, por Sua Excelência o Presidente da República Portuguesa, Dr. Jorge Sampaio, nas Comemorações de 10 de Junho de 2005.

- Em 9 de Janeiro de 2007 recebeu das mãos do Senhor Presidente da República da Índia, Dr A.P.J. Abdul Kalam, o "Pravasi Bharatiya Samman Award", Condecoração que destaca "os membros da Diáspora Indiana que se distinguiram nos seus respectivos sectores de actividade e na promoção das relações entre o Estado da Índia e dos países da sua nacionalidade".

- Mais recentemente, em Maio de 2008, recebeu a "Medalha de Honra da Junta de Freguesia de Oeiras e S. Julião da Barra", distinção que lhe foi atribuída por alturas do "Dia da Freguesia".

Comunicação

O Islão, uma religião Abraâmica

Resumo

"O Islão ou Islam" que deriva de "Salam" que significa Paz, é uma das três religiões Abraâmicas que, tirando especificidades da liturgia de cada uma Judaica e Cristã prega afinal os mesmos valores de ética que devem ser observados por todos nós.

O Islão ensina a sermos todos irmãos e o nosso Livro Sagrado o Alcorão diz que temos que respeitar o Outro, seja qual for a sua religião ou mesmo que não tenha qualquer credo. Também temos que ter respeito pela Natureza que Deus, o Criador de tudo e de todos nós, pôs à nossa disposição como Regentes que somos (e não donos, como, às vezes, julgamos ser e assim, erradamente, usamos e abusamos dos nossos poderes).

Portanto, ao contrário do que temos visto pelo mundo fora, os ensinamentos do Islão são contra a violência

e terror. Infelizmente há muitos que se dizem Muçulmanos e/ou que supostamente seguem a doutrina do Islão e praticam actos horrendos e que em nada dignificam o Islão.

Portanto, o Outro tem de ser respeitado tal como gostamos que esse Outro nos respeite.

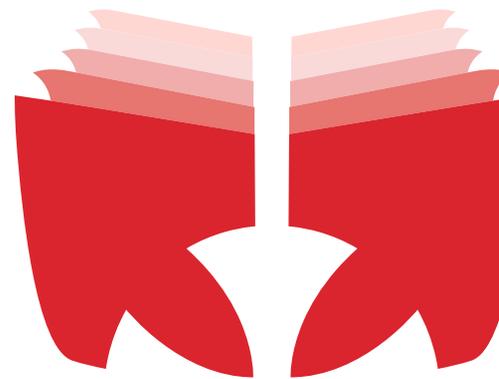
Outro aspecto importante é que o Islão congrega todos os muçulmanos qualquer que seja a sua orientação, Sunita ou Xí'ita, pois somos todos da mesma religião, tendo, no entanto, cada um a sua orientação específica em determinados aspectos da prática da mesma religião.

Que Deus Todo Poderoso e Infinitamente Misericordioso nos una a todos como seres humanos e nos ensine a respeitar uns aos outros, como irmãos que somos. "



Bibliotecando em Tomar

06-07 maio 2018 . Biblioteca Municipal de Tomar



Ana Marques Gastão

Ana Marques Gastão, poeta, ensaísta, crítica literária e investigadora do CLEPUL (Universidade de Lisboa). Escreveu *Tempo de Morrer, Tempo para Viver* (1998); *Terra sem Mãe* (2000); *Três Vezes Deus*, em co-autoria com António Rego Chaves e Armando Silva Carvalho (2001); *Nocturnos* (2002); *Nós/Nudos*, 25 poemas sobre imagens de Paula Rego (Prémio Pen Clube 2004); *Lápis Mínimo* (2008), *Adornos* (2011) e *L de Lisboa* (2015). É autora de *O Falar dos Poetas* (entrevistas, 2011) e de *As Palavras Fracturadas* (ensaio, 2013). *Nós/Nudos* foi publicado em França com o título *Noeuds* (2007), tradução de Catherine Dumas. Editou no Brasil a antologia *A Definição da Noite* (2003). Alguns dos seus poemas estão traduzidos para castelhano, catalão, francês, inglês, alemão, romeno e esloveno. Coordena a revista *Colóquio-Letras* da Fundação Calouste Gulbenkian. Licenciada em Direito pela Universidade Católica Portuguesa e advogada, foi jornalista cultural durante mais de vinte anos. (Foto: Anna Oswald Cruz Lehner)

Comunicação

«Além-Eu»



Bibliotecando em Tomar

06-07 maio 2018 . Biblioteca Municipal de Tomar



António Matias Coelho

António Matias Coelho é ribatejano: nasceu em Salvaterra, em 1957, e vive e trabalha há mais de 30 anos no triângulo Golegã, Chamusca, Constância.

Foi professor de História dos ensinos básico e secundário, tendo lecionado na Escola da Chamusca de 1982 a 2013, quando se aposentou.

Colaborou com a Câmara Municipal da Chamusca durante 13 anos (1985/1998), tendo montado e dirigido a primeira Biblioteca Pública Municipal, inaugurada em 1988, e nesse âmbito organizou diversos eventos culturais, entre os quais os dois Encontros sobre as Atitudes perante a Morte (1989 e 1991), de onde resultou o livro com esse título, publicado, sob sua coordenação, pela Livraria Minerva (Coimbra, 1991). Desenvolveu nesse período intensa atividade de investigação etnográfica e museológica, tendo coordenado a montagem de diversos núcleos museológicos, com destaque para a Casa Rural Tradicional (1986) e o Núcleo de Funerária (1989). A Câmara Municipal da Chamusca publicou 13 trabalhos seus, entre os quais se salientam Os últimos avieiros do Tejo no Concelho de Chamusca (1985, 2. ed. 1986, 3. ed., Âncora Editora, 2011), Carnaval (algumas notas) (1986, 2. ed. 1990), Casa Rural Tradicional do Concelho de Chamusca (quatro edições: 1986, 1987, 1988, 1998), A Espiga, a Ascensão e a Chamusca (1994), Cadernos da Ascensão: A Água (1995), A Terra (1996), A Gente, (1997) A Fé e a Festa (1998) e Os Abrigos da Memória (2012).

Colabora com a Câmara Municipal de Constância há 27 anos. É o autor do epíteto Constância, Vila Poema que está hoje consagrado. Entre as inúmeras tarefas que tem desenvolvido, salientam-se a revitalização da Festa de Nossa Senhora da Boa Viagem, sendo o responsável, desde 1991, pelo cortejo fluvial e pela Bênção dos Barcos, bem como a sua ativa participação na criação e promoção das Pomonas Camonianas que em 2016 cumprem a 21. edição. O município de Constância, para além de muitas dezenas de artigos no Boletim Informativo, publicou três livros de sua autoria Festas de Nossa Senhora da Boa Viagem em Constância. A bênção dos barcos e o abraço dos homens (1991), Nos rios de Constância: a Faina, a Fé e

a Festa (1998) e Histórias do Património do Concelho de Constância (1999) e, em co-autoria, a Carta Régia de Punhete (Constância) 1561 (2007).

Conferencista e moderador em dezenas de congressos, simpósios, seminários, colóquios e encontros, tem vasta colaboração em diversas revistas da especialidade e em atas, no âmbito da História e do Património Cultural e do Turismo. Tem igualmente prefaciado e apresentado publicamente vários trabalhos de outros investigadores, em especial sobre História e Cultura locais e regionais. Colabora regularmente com os jornais Novo Almourol e mediatejo.net.

É associado de diversas instituições, como a Associação Casa-Memória de Camões em Constância, o Centro de Investigação Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão e o Fórum Ribatejo.
fevereiro 2016

Comunicação

Os mortos e nós

Resumo

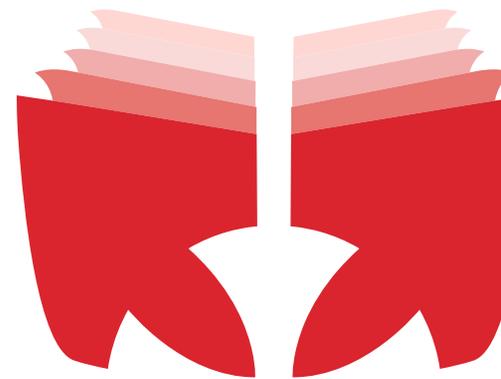
Os cemitérios como os conhecemos hoje murados, em geral afastados das povoações, com portão e horário de funcionamento existem apenas há cerca de duzentos anos.

No Antigo Regime o longo período da História da Europa ocidental que antecedeu a Revolução Francesa e as revoluções liberais que ela inspirou, os mortos eram sepultados nas igrejas (os principais) ou no adro delas (a gente comum). Numa sociedade rigidamente hierarquizada e profundamente religiosa, em que a vida era encarada como uma caminhada para se merecer o Céu e o que contava não era tanto o indivíduo mas o coletivo (o povo de Deus), a morte era entendida em geral como uma libertação: preparava-se, morria-se em casa, em família e depois enterrava-se o morto junto dos demais, muitas vezes em vala comum, sem honras nem epitáfios, ao pé da igreja. De modo que vivos e mortos comungavam o mesmo espaço e os vivos passavam pelo meio dos seus mortos cada vez que iam à missa.



Bibliotecando em Tomar

06-07 maio 2018 . Biblioteca Municipal de Tomar



O triunfo da burguesia e das ideias liberais veio criar uma sociedade nova, fundada nos valores iluministas da liberdade, da igualdade e da fraternidade que privilegia o indivíduo, o trabalho, a razão e a ciência e progressivamente se seculariza e se afasta de Deus e da Igreja. É esta sociedade, construída a partir dos finais do século XVIII e princípios do século XIX a sociedade em que vivemos nós hoje que impõe a criação dos cemitérios civis, fora das povoações, circundados por altos muros e que reservam um espaço para cada morto, segundo a lógica Um homem, um voto / Um homem, uma campa. E um nome. E um epitáfio. E depois uma fotografia. E o muito mais que podemos descobrir nos nossos cemitérios.

Quem faz os cemitérios não são os mortos. São os vivos. E fazem-nos não apenas para os mortos, mas também (para não dizermos sobretudo) para os vivos. Por isso, a organização da cidade dos mortos com as suas avenidas, os diferentes tipos de habitações que contém, a forma de as embelezar, as suas relações de vizinhança, a hierarquização dos seus espaços obedece a critérios semelhantes aos da cidade dos vivos.

Assim, os cemitérios funcionam como espelhos das aldeias, vilas ou cidades que os produzem. O conhecimento de uma qualquer comunidade ficará sempre incompleto se não incluir o seu cemitério.

Por outro lado, o cemitério é, em si mesmo, um museu: é um campo de memórias e de homenagens que oferece uma imensidão de elementos de trabalho e um repositório de peças de arte de diferentes épocas que são sinais mais duradouros de atitudes e de relações efemeramente existentes no mundo dos vivos.

Ao longo dos séculos não é a morte que tem mudado. É a vida. E a criação dos cemitérios contemporâneos, ou seja, a criação da cidade dos mortos, separada do mundo dos vivos, não representa apenas uma simples mudança de lugar de enterramento: significa sobretudo uma profunda alteração de paradigma da nossa existência na Terra.



Bibliotecando em Tomar

06-07 maio 2018 . Biblioteca Municipal de Tomar



António Tavares

Nasceu em Angola em 1960. Formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra e é pós-graduado em Direito da Comunicação pela mesma universidade.

Foi professor do ensino secundário na escola secundária Domingos Rebelo, em Ponta Delgada, e na escola Dr. Joaquim de Carvalho na Figueira da Foz.

Como autarca foi vereador não executivo da Câmara da Figueira da Foz de 2005 a 2009 e executivo de 2009 a 2013 com os pelouros da Cultura, Urbanismo e Ambiente. Exerce actualmente o cargo de vice-presidente detendo os pelouros da Cultura, Educação, Acção Social e Juventude.

Escreveu peças de teatro, estudos e ensaios. Foi jornalista, fundador e director do periódico regional A Linha do Oeste. Fundou e coordenou a revista de estudos Litorais.

Como romancista, obteve uma menção honrosa no prémio Alves Redol, atribuída em 2013 pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira ao romance O TEMPO ADORMECEU SOB O SOL DA TARDE, ainda no prelo, e foi finalista do Prémio Leya 2013 com a obra AS PALAVRAS QUE ME DEVERÃO GUIAR UM DIA (edição Teorema), e também finalista do Prémio Literário Fernando Namora. Foi seleccionado para o Festival do Primeiro Romance de Chambéry, em França, em 2015.

Foi vencedor do Prémio LEYA na edição de 2015 com a obra O CORO DOS DEFUNTOS (edição Leya).

Comunicação

Identidade/Mesmidade/Alteridade

Resumo

A identidade constrói-se pela alteridade, mas hoje, uma e outra fazem-se em cenários virtuais. A marca do nosso tempo tem sido a desconstrução da identidade e a sua falsa aparência. A questão é se se deve falar de identidade ou de identidades.

Esta marca arrasta consigo a deterioração das velhas relações sociais e supõe novas formas de relacionamento. Alterada a paisagem onde se constrói a identidade dos sujeitos a sexualidade, a nacionalidade, os papéis sociais, o trabalho, os padrões de comportamento, etc o que resta da velha fórmula de relacionamentos que construímos?

Uma parte das respostas há-de passar pelo corpo e pela memória e, necessariamente, pela literatura enquanto criadora de modelos identitários.



Bibliotecando em Tomar

06-07 maio 2018 . Biblioteca Municipal de Tomar



Aurélio Lopes

Professor convidado do Ensino Superior, Licenciado em Antropologia Social, Mestre em Sociologia da Educação e Doutoramento em Antropologia Cultural pelo ISCSP da Universidade Técnica de Lisboa.

Investigador universitário na área da cultura tradicional, autor de cerca de três dezenas de livros publicados (e outros mais em coletâneas respeitantes a congressos, seminários, colóquios ou revistas científicas), vem desenvolvendo um percurso investigativo especialmente no que respeita à Antropologia do Simbólico e à problemática do Sagrado e suas representações culturais.

Tem-se debruçado especialmente sobre práticas tradicionais comunitárias e culturais, nomeadamente no que concerne à religiosidade popular e suas relações sincréticas com raízes ancestrais e influências mutacionais modernas.

Investigador do IELT: Instituto de Estudos de Literatura Tradicional da Universidade Nova de Lisboa e do CIJVS: Centro de Estudos Joaquim Veríssimo Serrão (da qual é membro do Conselho Redatorial das Revistas *Mátria* e *Mátria Digital*), é coordenador das Coleções "Antropologia" e "Raízes" da Editora Cosmos e Coordenador do Fórum Ribatejo.

Comunicação

O absoluto como desígnio existencial

Soteriologias e vivências em projetos de missão

Resumo

Condicionando, de uma forma ou de outra, as disposições do crente, as religiões cumprem, desde sempre, necessidades vivenciais diversas

Explicam o mundo e tornam-no inteligível.

Dão sentido ao sofrimento. Criam referenciais protetores.

Estabelecem regras comportamentais.

E, principalmente, fornecem um desígnio de vida.

Desígnio que tende para o absoluto.

Absoluto que tende para o inevitável e o inquestionável.

Que tende a avaliar uma existência terrena, quantas vezes difícil e dolorosa, face a uma recompensa no outro mundo; eterna e bem-aventurada.

Condicionamento, inequívoco, susceptível de levar o mesmo a relativizar as condições materiais da existência e as subordiná-las à ambicionada recompensa divina que, acredita, o espera.

As consequências desta perspetiva, vivida em contextos socioculturais e políticos diferenciados enformam, de uma forma ou doutra, a visão do mundo do crente.

E afetam, naturalmente, as suas opções de consciência.

E até a consciência, maior ou menor, que tem dessas opções.



Bibliotecando em Tomar

06-07 maio 2018 . Biblioteca Municipal de Tomar



Faranaz Keshavjee

Colaboradora da Revista Visão e conferencista. Investigadora em Estudos Islâmicos

Doutorada em Psicologia e Antropologia Social pela Universidade de Cambridge, pelo ISCTE e Instituto de Estudos Ismailis em Londres.

Naturalidade Moçambicana, nacionalidade Portuguesa, nascida a 11 de Janeiro de 1968, casada, académica, mãe de 2 filhos , com 18 e 12 anos, residente no mundo, agora em Portugal, refugiada da guerra do Ultramar, bisneta de indianos e sul-africanos, xiita ismaelita, social democrata de esquerda.

Comunicação

O xiismo apolítico. Que desafios para o islão no domínio da fé e da consciência social?

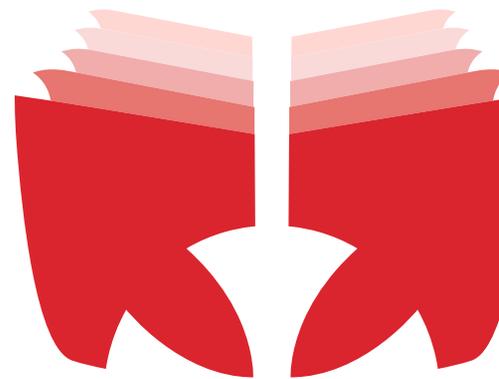
Resumo

O Islão é vulgarmente entendido como um bloco monolítico de crenças e práticas e uma realidade imutável e homogénea. O desafio que se propõe com esta comunicação é o de pensar o Islão para lá da aparente homogeneidade cultural, política e religiosa, e introduzir a variável do xiismo apolítico para compreender a heterogeneidade de visões religiosas, da fé e da consciência social dentro do vasto e diverso mundo dos muçulmanos.



Bibliotecando em **Tomar**

06-07 maio 2018 . Biblioteca Municipal de Tomar



Fernanda Moucho

Fernanda Agostinho Gameiro Bento Moucho, natural de Alpiarça, nasceu em 24 de Junho de 1945.

É licenciada em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Universidade de Lisboa e foi professora de Português e Francês, sempre em Tomar, de 1973 a 2008.

Leccionou na Escola Preparatória Gualdim Pais, na Escola Secundária Jácome Ratton (onde fez o Estágio Pedagógico no ano lectivo 1978/79 e onde, no ano lectivo seguinte, foi professora de Apoio de Língua Portuguesa e Português do Ano Propedêutico) e na Escola Santa Maria do Olival, tendo, nesta última, leccionado 28 anos.

Ao longo da sua carreira desempenhou vários cargos e esteve alguns anos ligada à Formação de Professores.

Após a sua aposentação, em Junho de 2008, passou a leccionar Literatura Portuguesa na Universidade Sénior de Tomar, actividade que ainda hoje desempenha.



Bibliotecando em Tomar

06-07 maio 2018 . Biblioteca Municipal de Tomar



Fernando Rosas

Fernando Rosas (Lisboa, 1946) é professor catedrático no departamento de História da Faculdade de Ciência Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Investigador Integrado do Instituto de História Contemporânea da mesma instituição, do qual foi fundador e Presidente da Direcção entre 1994 e Fevereiro de 2013. Actualmente é Coordenador do Grupo de Investigação História Política Comparada.

Entre 1988 e 1995, integrou o conselho de redacção da revista *Penélope Fazer e Desfazer a História*. Entre 1994 e 2007, dirigiu a revista *História*.

Publicou variadíssimas obras como autor, dirigiu, coordenou e é co-autor de muitas outras na área da sua especialidade (história portuguesa e europeia do século XX), entre elas: *As primeiras eleições legislativas sob o Estado Novo: as eleições de 16 de Dezembro de 1934*, (1985); *O Estado Novo nos Anos 30. Elementos para o Estudo da Natureza Económica e Social do Salazarismo (1928-1938)*, (1986); *O salazarismo e a Aliança Luso-Britânica : estudos sobre a política externa do Estado Novo nos anos 30 a 40*, (1988); *Salazar e o Salazarismo* (co-autor), (1989); *Portugal Entre a Paz e a Guerra (1939/45)*, (1990); *Portugal e o Estado Novo (1930/60)*, (co-autor), (1992); *História de Portugal, vol. VII - O Estado Novo (1926/74)*, (1994); *Dicionário de História do Estado Novo*, (dir.), (1995); *Portugal e a Guerra Civil de Espanha*, (coord.), (1996); *Armindo Monteiro e Oliveira Salazar : correspondência política, 1926-1955*, (coord.), (1996); *Salazarismo e Fomento Económico*, (2000); *Portugal Século XX : Pensamento e Acção Política*, (2004); *Lisboa Revolucionária, Roteiros dos Confrontos Armados no Século XX*, (2007); *História da Primeira República Portuguesa*, (co-coord.), (2010); *Salazar e o Poder. A Arte de Saber Durar* (2012); *Estado Novo e Universidade. A perseguição aos Professores*, (co-autor), (2013).

Foi deputado à Assembleia da República em 2000 e 2001 e de 2005 a 2010.

Comunicação

A Europa em Crise de Paradigma

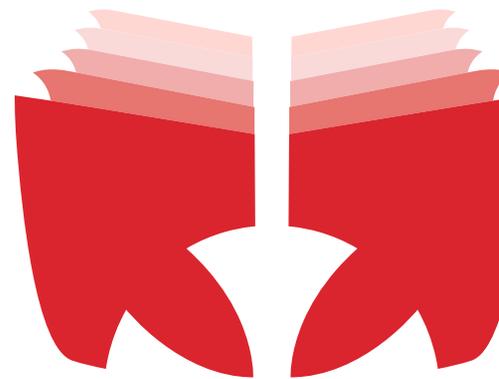
Resumo

Há uma inquietação que varre a Europa, mais do que isso, as sociedades do ocidente europeu. O ocidente herdado do pós-guerra, do capitalismo neokeynesiano e regulador, providencialista e contratualista socialmente, politicamente rotativo ao centro e à direita esse modelo de capitalismo agoniza. Batido por uma crise endémica desde finais da década de 70 do século passado que teve a sua fase aguda em 2008/2009, desafiado, também ele, pela implosão do mundo soviético, esse modelo onde começou por se construir a CEE e depois a EU, foi cedendo lugar a uma subversão paradigmática ao nível dos valores e das políticas económicas e sociais. Do vinténio teatcheriano e reageniano do século XX emergiu uma outra mundovisão que, beneficiando da quase generalizada rendição da social-democracia e da democracia cristã, ou da sanha anticomunista dos herdeiros do socialismo real, ou da desmobilização dos seus putativos continuadores/renovadores, se instalou pacificamente como poder político, económico e financeiro hegemónico no comando e nos governos da EU e do ocidente em geral. Essa nova hegemonia neoliberal impôs uma época de verdadeira regressão civilizacional e ameaça destruir a construção europeia. “E agora Europa?”



Bibliotecando em Tomar

06-07 maio 2018 . Biblioteca Municipal de Tomar



Guilherme d' Oliveira Martins

Guilherme d'Oliveira Martins (Lisboa, 1952). Licenciado e Mestre em Direito. Professor Universitário Convidado. É Presidente do Tribunal de Contas e Presidente do Centro Nacional de Cultura. Foi Secretário de Estado da Administração Educativa, Ministro da Educação, Ministro da Presidência e Ministro das Finanças. Foi Presidente da SEDES. Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa. Autor de: Oliveira Martins, Uma Biografia; Ministério das Finanças, Subsídios para a sua História no Bicentenário da Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda; Escola de Cidadãos; O Enigma Europeu; Educação ou Barbárie?; O Novo Tratado Constitucional Europeu; Europa, Portugal e a Constituição Europeia (coord.); Portugal, Identidade e Diferença Aventuras da Memória; O Novo Tratado Reformador Europeu. Tratado de Lisboa o Essencial; Património, Herança e Memória A Cultura como Criação; Os Grandes Mestres da Estratégia. Estudos sobre o poder, a guerra e a paz, (em colab.); Mounier: O Compromisso Político, de Guy Coq (tradução e prefácio); Na Senda de Fernão Mendes Percursos Portugueses no Mundo.



Bibliotecando em Tomar

06-07 maio 2018 . Biblioteca Municipal de Tomar

José Manuel Alho

Nasceu em 1961 em Ourém onde reside.

Biólogo, é atualmente vogal do Conselho de Administração da Fundação INATEL.

Preside à Assembleia Geral do Centro de Ciência Viva do Alviela.

Exerceu cargos de Diretor do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros, Coordenador da Reserva Natural do Paúl do Boquilobo, Coordenador do Monumento Natural das Pegadas de Dinossáurios da Serra de Aire, Diretor-Adjunto do Departamento de Gestão de Áreas Classificadas do Litoral de Lisboa e Oeste, Diretor Regional das Florestas de Lisboa e Vale do Tejo na Autoridade Florestal Nacional e Presidente do IPAMB Instituto de Promoção Ambiental.

Manteve atividade profissional como professor convidado na ESTG, no Instituto Politécnico de Leiria e no Instituto Politécnico de Tomar a par com a atividade de Formador.

Membro da Ordem dos Biólogos onde desempenhou cargos na Direção Nacional e no Conselho Profissional e Deontológico, também integra a Sociedade de Ética Ambiental.

Participa com regularidade em Conferências e Palestras como orador convidado, tem sido membro de diversas comissões e grupos de trabalho de foro consultivo ou de acompanhamento na área governamental e tem mantido alguma atividade editorial na temática do Ambiente.

Foi ativista e dirigente da Quercus tendo sido Presidente do Núcleo Regional da Estremadura e Ribatejo e Vice-Presidente da Direção Nacional. Presidiu à Direção Nacional da Liga para a Protecção da Natureza.

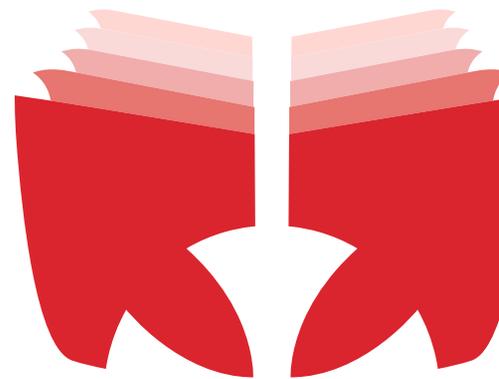
Foi membro da Comissão Regional de Turismo do Ribatejo e do Conselho de Administração da ADIRN -Associação de Desenvolvimento Integrado do Ribatejo Norte e da ADAE- Associação de Desenvolvimento da Alta Estremadura.

Desempenhou funções autárquicas como Adjunto da Presidente da Câmara Municipal de Abrantes, membro da Assembleia Municipal de Ourém, Vereador e

Vice-Presidente da Câmara Municipal de Ourém, Presidente do Conselho de Administração da Ambiourem, Centro de Negócios de Ourém e Ourem viva.

Comunicação

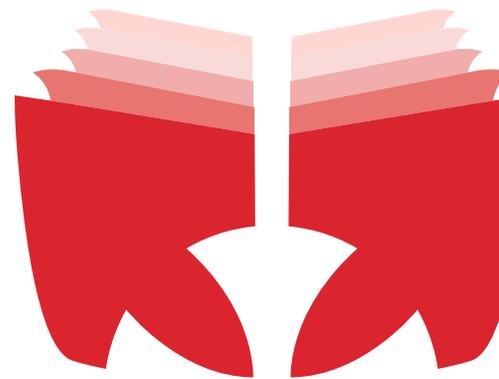
Norte/Sul: o percurso de Estocolmo a Paris.





Bibliotecando em Tomar

06-07 maio 2018 . Biblioteca Municipal de Tomar



José Manuel Sobral

José Manuel Sobral é licenciado em História e Doutor em Antropologia. Ensinou história medieval e contemporânea na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, antes de se dedicar à antropologia, com uma tese realizada no centro de Portugal publicada como livro, *Trajetos: o Passado e o Presente na Vida de uma Freguesia da Beira* (1999)- em que se combina a observação antropológica com a reconstituição histórica na análise de

objetos como a posse da terra, a família e o parentesco, as classes sociais e sua reprodução, a religiosidade, o poder e o conflito.

Mantendo uma perspectiva interdisciplinar, em que a antropologia se articula com a história e a sociologia, prosseguiu o seu trabalho em domínios como a etnicidade e o nacionalismo, o racismo, a memória social, as epidemias, a história da antropologia portuguesa, a alimentação e a cozinha. Os últimos projetos em que tem trabalhado abordam uma análise genealógica do papel social e icónico do bacalhau em Portugal, as relações entre alimentação, cozinha e identidade e o "nacionalismo à distância" de imigrantes em Portugal.

Foi Presidente da Associação Portuguesa de Antropologia e é o diretor atual da revista *Análise Social*. Tem desenvolvido uma ampla atividade como docente e supervisor científico. Coordenou o Doutoramento em Antropologia e foi presidente da Comissão de Pós-Graduação do ICS-UL.

Entre as suas publicações mais recentes encontram-se os seguintes livros, como autor e editor:

Sobral, J.M., Lima, M.L., Sousa, P.S., & Castro, P. (2009). *A Epidemia Esquecida: Olhares Comparados sobre a Pneumónica (1918-1919)*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Sobral, J. M. , Vala, J. (2010). *Identidade Nacional, Inclusão e Exclusão Social*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Sobral, J. M. (2012). *Portugal, Portugueses: uma Identidade Nacional* Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos;

Domingos, N., Sobral, J. M., West, Harry G. (Eds.). (2014). *Food between the Country and the City: Ethnographies of a Changing Global Foodscape*. London:

Silva, M. C., Sobral, J. M. (Eds.). (2014). *Etnicidade, Nacionalismo e Racismo: Migrações, Minorias Étnicas e Contextos Escolares*. Porto: Edições Afrontamento.

Bem como os ensaios:

Sobral, J. M. (2012). *National Identity and Higher Education: From the Origins till 1974*". In Amaral, A. & Neave, G- (eds.), *Higher Education in Portugal 1974-2009. A Nation, a Generation*. Dordrecht: Springer, 49-65.

Sobral, J. M., Rodrigues, P. (2013). *O "Fiel Amigo": o Bacalhau e a Identidade Portuguesa*". *Etnográfica*, 17 (3), 619-649.

Sobral, J. M., Lima, M. L., Sousa, P. S. (2014). *And to Make Things Worse, the Flu: The Spanish Influenza in a Revolutionary Portugal*. In Porras-Gallo, M. I., Davis, R. A. (Eds.), *The Spanish Influenza Pandemic of 1918-1919: Perspectives from the Iberian Peninsula and the Americas* (pp. 75-92). New York: University of Rochester Press.

Sobral, J. M. (2014). *The High and the Low in the Making of a Portuguese National Cuisine in the Nineteenth and Twentieth Centuries*. In Klein, J. A., Murcott, A. (Eds.), *Food Consumption in Global Perspective: Essays in the Anthropology of Food in Honour of Jack Goody* (pp. 108--134). Basingstoke: Palgrave Macmillan.

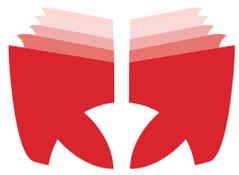
Sobral, J. M. (2015). *State Power and the Genesis of Portuguese National Identity*. In Denis Sindic, Manuela Barreto, Rui Costa-Lopes (Eds.), *Power and Identity* (pp. 31-49). London and New York: Psychology Press (Taylor and Francis).

Comunicação

Nós e os Outros identidades, preconceito e cidadania

Resumo

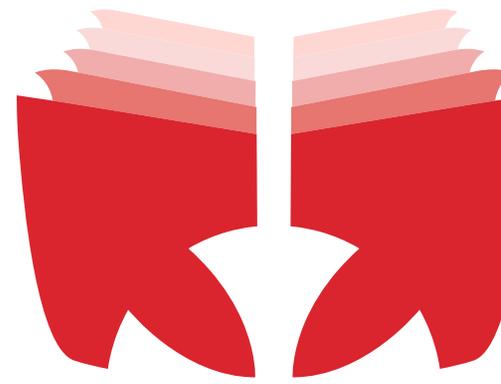
Esta intervenção debruça-se sobre as relações existentes entre o grupo que se percebe como nacional - nós - e aqueles que são definidos como



Bibliotecando em Tomar

06-07 maio 2018 . Biblioteca Municipal de Tomar

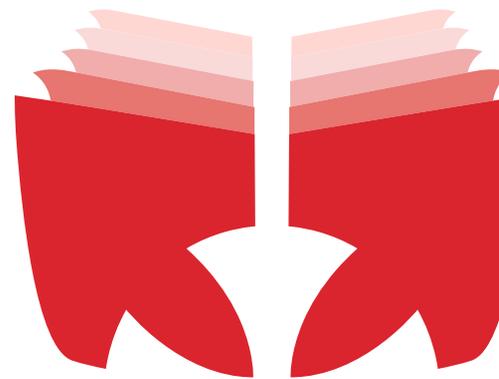
o estrangeiro os outros. Procede-se a uma análise genealógica da formação das identidades nacionais, mostrando como estas são o produto de processos históricos de longa duração. Refere-se a importância da expansão imperial e da colonização na produção das identidades, com as expressões de etnocentrismo e de racismo que lhes foram inerentes. Finalmente, analisa-se o impacto destes processos na atualidade pós-colonial, em particular nas atitudes face aos imigrantes, mostrando como a aquisição da cidadania não implica a anulação do preconceito e da xenofobia, e sugerem-se vias que contribuam para os enfrentar. O caso português servirá como referência concreta para abordar estas temáticas numa perspectiva comparada.





Bibliotecando em Tomar

06-07 maio 2018 . Biblioteca Municipal de Tomar



José Tolentino de Mendonça

Comunicação

A fé amplia a liberdade

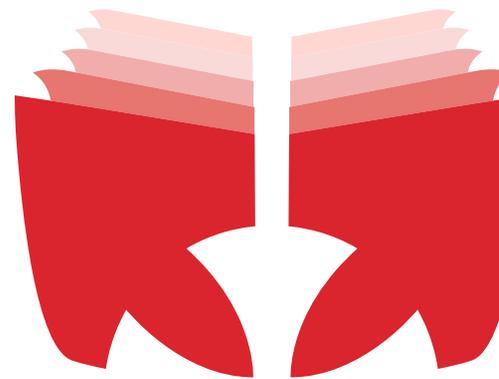
Resumo

Antes de tudo temos de fazer da fé uma arte de ser. Isto é, um laboratório para uma existência autêntica e não apenas um conjunto de práticas ou de credos que vamos mantendo ao longo da história. «O nosso crescimento espiritual como cristãos, - escreveu o teólogo Dietrich Bonhoeffer -, não é na linha de nos tornarmos religiosos. Cristo não cria em nós um tipo de religioso: Cristo cria em nós um ser humano». É preciso entender a fé, no aqui e no agora, como uma sabedoria, uma aprendizagem, uma aventura de liberdade.



Bibliotecando em Tomar

06-07 maio 2018 . Biblioteca Municipal de Tomar



Joshua Gabriel Benoliel Ruah

Nascido em Lisboa, em 1940, numa família judia residente em Portugal há cerca de dois séculos.

Licenciado em medicina, com as especialidades de Cirurgia Geral e Urologia, foi Chefe de Serviço da carreira dos Hospitais, Coordenador da Urologia do Hospital dos Lusíadas.

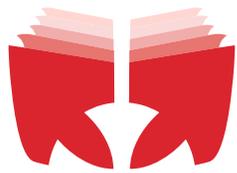
Pertence à Comunidade Israelita de Lisboa trabalhando nos seus quadros directivos desde 1963, tendo sido Presidente durante 23 anos.

Apresentou múltiplos trabalhos profissionais assim como extra profissionais nas áreas da história e do pensamento judaico.

Resumo

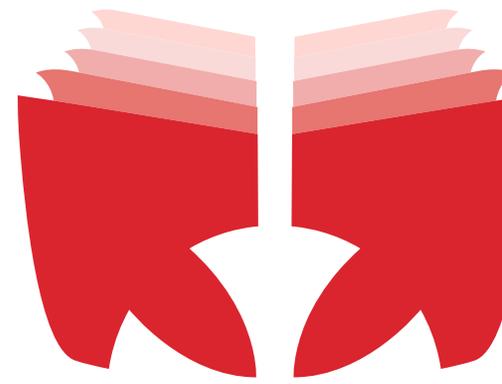
Na diversidade das correntes religiosas judaicas existe sempre um reconhecimento de identidade comum, assente numa forte tradição, numa história comum, no credo de um Deus Único, em resumo, numa cultura e numa filosofia de vida.

Na nossa intervenção abordaremos os temas deste painel do ponto de vista do judaísmo e da relação com outros credos, nas suas identidades e diferenças, com especial incidência na sua aceitação mútua.



Bibliotecando em Tomar

06-07 maio 2018 . Biblioteca Municipal de Tomar



Luísa Costa Gomes

Comunicação

Choque de Culturas e Intertextualidade: O meu bisavô Sanches e o António Nobre

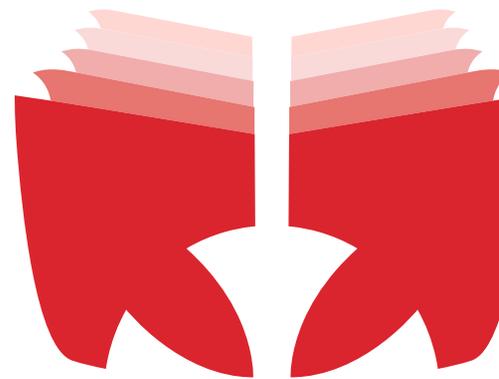
Resumo

A publicação de SÓ de António Nobre gerou uma certa re-efeverescência romântica eivada de Decadentismo e de Simbolismo que provocou da parte do meu bisavô, o poeta satírico Eugénio Sanches da Gama uma paródia localista a que chamou Nós Todos. A partir deste incidente da petite histoire literária coimbrã, que ninguém conhece nem é importante que conheça, hei-de especular sobre a ideia pré-concebida do Norte e do Sul e de como uma cultura do "Sul" se faz com "valores" herdados do "Norte"...



Bibliotecando em Tomar

06-07 maio 2018 . Biblioteca Municipal de Tomar



Marco Daniel Duarte

Marco Daniel Duarte é diretor do Serviço de Estudos e Difusão do Santuário de Fátima, onde dirige o Museu da Instituição, e do Departamento do Património Cultural da Diocese de Leiria-Fátima.

Doutorado em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, tem desenvolvido os seus estudos no âmbito do saber da Iconografia e da Iconologia, áreas sobretudo ligadas à arte sacra antiga e contemporânea.

Pertence à Academia Portuguesa da História, como Académico Correspondente, é Sócio Efetivo da Associação Portuguesa de Historiadores da Arte, Membro da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa e Investigador do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX, da Universidade de Coimbra.

Em 2009 foi nomeado para integrar o Grupo Técnico Coordenador do projeto Rota das Catedrais, cujo protocolo foi celebrado entre o Ministério da Cultura e a Conferência Episcopal Portuguesa. Autor de vários estudos publicados em revistas científicas e editados em livro, alguns deles premiados, tem também comissariado diversas exposições científicas subordinadas às temáticas da sua especialidade.

Comunicação

A cidade dos mortos: representação da vida além e aquém-túmulo

Resumo

O conhecimento moderno tem-se servido dos vestígios do passado para indagar acerca do pensamento humano, não desprezando os vestígios materiais que, questionados de forma cuidada, revelam informações muito claras respeitantes à ideia que o Homem tem de si próprio e do outro.

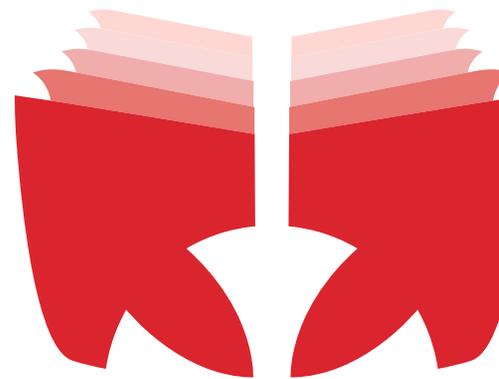
Os caminhos trilhados por Philippe Ariès (1914-1984) não mais deixaram de ser seguidos pelos investigadores que quiseram aproximar-se das atitudes do ser humano perante a morte, nomeadamente das

representações que esta realidade deixa na história da cultura e das mentalidades. As cidades dos mortos que hoje conhecemos, que, na sua configuração espacial, datam da ideia de morte do século XIX, relacionam-se com outras formas de pensamento que nasceram em sistemas de pensamento bem mais antigos. Falam, também, de realidades que não se encontram apenas ligadas à ideia de além-túmulo: são, ao invés, imagens muito claras da conceção da vida aquém-sepultura.



Bibliotecando em **Tomar**

06-07 maio 2018 . Biblioteca Municipal de Tomar



Maria Fernanda Marques Henriques

Natural de Lourenço Marques, Moçambique.

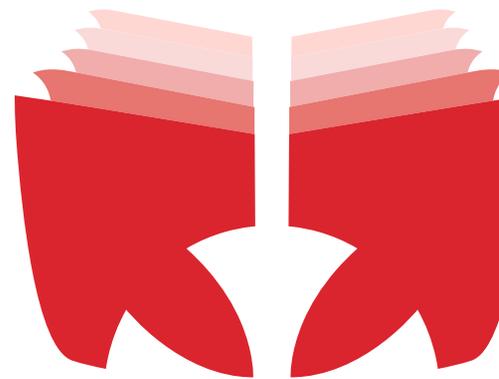
Licenciada em Filologia Românica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

É professora das disciplinas de Português e Francês do ensino secundário desde 1979 e pertence ao quadro do Agrupamento de Escolas Templários. Tem desempenhado funções de Delegada de disciplina, Delegada à profissionalização, Coordenadora de Diretores de Turma e Coordenadora de Departamento. É membro da equipa da Biblioteca Escolar da Escola Secundária Jácome Ratton.



Bibliotecando em Tomar

06-07 maio 2018 . Biblioteca Municipal de Tomar



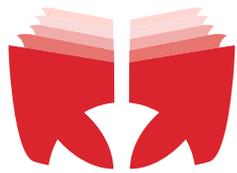
Miguel Real

Miguel Real, investigador do CLEPUL, Centro de Literaturas e Culturas Europeias e Lusófonas da Faculdade de Letras de Lisboa, professor do ensino secundário, publicou os romances Memórias de Branca Dias (2003), A Voz da Terra (2005), O Último Negreiro (2006), O Último Minuto na Vida de S. (2007), O Sal da Terra (2008), A Ministra (2009), As Memórias Secretas da Rainha D. Amélia (2010), A Guerra dos Mascates (2011), O Feitiço da Índia (2012), A Cidade do Fim (2013) e O Último Europeu (2015), e os ensaios Narração, Maravilhoso, Trágico e Sagrado em "Memorial do Convento" de José Saramago (1998), O Marquês de Pombal e a Cultura Portuguesa (2005), O Último Eça (2006), Agostinho da Silva e a Cultura Portuguesa (2007), Eduardo Lourenço e a Cultura Portuguesa (2008) e Padre António Vieira e a Cultura Portuguesa (2008), A Morte de Portugal (2007), Matias Aires. As Máscaras da Vaidade (2008), José Enes. Filosofia, Açores e Poesia (2009), Introdução à Cultura Portuguesa (2011), O Pensamento Português Contemporâneo. 1890 - 2010 (2011), Nova Teoria do Mal (2012), Romance Português Contemporâneo. 1950 - 2010 (2012), Nova Teoria da Felicidade (2013), Comentário a "Mensagem" de F. Pessoa (2013), Nova Teoria do Sebastianismo (2014), O Futuro da Religião (2014) e Manifesto em Defesa de uma Morte Livre (2015).

Galardoado com os Prémios de Revelação e de Ensaio e de Ficção da Associação Portuguesa de Escritores, o Prémio "Ler" do Círculo de Leitores, o Prémio Fernando Namora, o Grande Prémio de Teatro da Sociedade Portuguesa de Autores em conjunto com Filomena Oliveira e o Prémio Melhor Obra Literária de 2012 da Sociedade Portuguesa de Autores.

Comunicação

O canibalismo cultural português



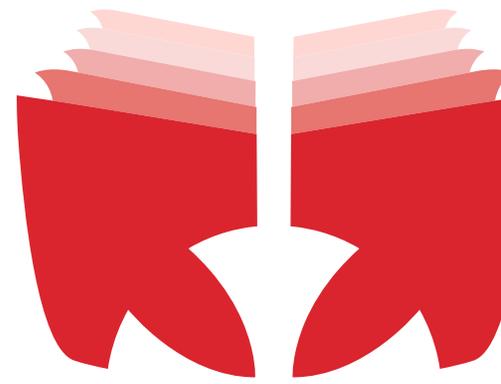
Bibliotecando em **Tomar**

06-07 maio 2018 . Biblioteca Municipal de Tomar

Padre Sérgio Santos

Comunicação

O mistério da vida e da morte





Bibliotecando em Tomar

06-07 maio 2018 . Biblioteca Municipal de Tomar



Pedro Roseta

Nasceu em 1943 na Covilhã. Reformado.

Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa.

Técnico do Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Educação (1968/71).

Secretário-Geral da Universidade Católica Portuguesa e Secretário da sua Faculdade de Ciências Humanas (1971/73) da qual foi professor convidado (1992/93 e 2007/10).

Adjunto do Dr. Francisco Sá Carneiro no PPD (1974/75).

Deputado à Assembleia Constituinte (1975/76) e à Assembleia da República (1976/81, 1988/2002 e 2004/05) tendo sido Presidente das Comissões de Negócios Estrangeiros, Cooperação e Comunidades Portuguesas (1991/93) e de Educação, Ciência e Cultura (1988/91).

Presidente do Grupo Parlamentar do PSD (1979/1981).

Embaixador Representante Permanente de Portugal junto da OCDE (1981/88).

Membro do Conselho Nacional de Educação (1988/91) e do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida (1996/2001).

Presidente do Conselho Coordenador do Ensino Particular e Cooperativo (1989/95).

Membro da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa (1981, 1988/2002 e 2004/05) tendo sido Presidente da Comissão de Cultura, Educação e Ciência. Membro da Assembleia da União da Europa Ocidental da qual exerceu o cargo de Vice-Presidente (1990/2002 e 2004/05).

Ministro da Cultura do XV Governo Constitucional (2002/2004).

Resumo

A crise actual na Europa e a constatação da insuficiência das medidas económicas e financeiras. Como dar resposta à crise demográfica, à nova pobreza, à acentuação das desigualdades e à redução da solidariedade, à perda de sentido para a vida, à patente

ascensão da insignificância e do efémero, ao ressurgimento dos egoísmos nacionais e dos extremismos, às novas ameaças à vida e segurança das pessoas e dos povos da Europa e do Mundo.

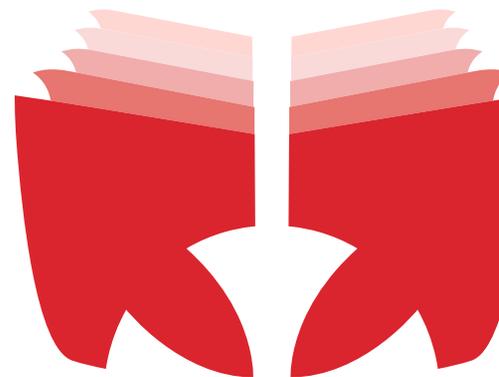
O Conselho da Europa e o seu potencial como organização mais abrangente do continente europeu para a proteção permanente dos direitos humanos e a concretização da segurança democrática dos povos.

Possíveis critérios para actuações concertadas dos Estados, poderes locais e organizações da sociedade civil.



Bibliotecando em Tomar

06-07 maio 2018 . Biblioteca Municipal de Tomar



Teresa Calçada

É licenciada em Filosofia pela Faculdade de Letras.

Foi técnica do Instituto Português do Livro desde 1982, onde trabalhou na área do livro e da leitura. Em 1986 integrou o grupo de trabalho que definiu as bases da política nacional da leitura pública, com vista à criação da Rede de Bibliotecas Municipais. Foi também vice-presidente do Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, cargo que ocupou até 1996. Nesta qualidade, foi também responsável pela execução das acções desenvolvidas no âmbito da Rede da Leitura Pública.

Integrou o grupo de trabalho que em 1996 definiu as bases e os princípios orientadores do Programa Rede de Bibliotecas Escolares. Este programa tem como objectivo a instalação de bibliotecas escolares em escolas de todos os níveis de ensino, concebidas como centros multimédia disponibilizando aos utilizadores os recursos necessários à leitura, ao acesso e uso da informação em diferentes suportes, com papel central na aquisição edesenvolvimento de competências de informação e na formação de leitores.

Coordenou, até Dezembro de 2013, a Rede de Bibliotecas Escolares, nomeada pelo Ministros da Educação, responsável pelo Programa da Rede de Bibliotecas Escolares.

De 2005 a 2013 assumiu as funções de Comissária Adjunta do Plano Nacional de Leitura.

Especialista nas áreas temáticas das bibliotecas e da leitura, áreas de interesse em que continua empenhada e a desenvolver trabalho.

Presidente da mesa da assembleia da Associação para o Voluntariado de leitura, no âmbito da qual integra o projeto Voluntários de Leitura.

Comunicação

A LEITURA COMO CONDIÇÃO ÉTICA DE SER

Resumo

Reflexão para o papel que a LEITURA tem na construção e defesa dos direitos humanos, com particular relevo para a igualdade e a liberdade. Sendo ela própria um direito fundamental que não pode deixar de ser assegurado universalmente. Ser "letrado " não é ser livre, é condição para as escolhas de vida, para uma vida eticamente consciente, capaz de reconhecer a diversidade. Para o Bem e para o Mal.

A LEITURA COMO CONDIÇÃO ÉTICA DE SER.